

FERNANDO ESPÓSITO GALARCE E MARIANA COBUCCI DE OLIVEIRA

## Repensando os lugares da nova normalidade: projeto e construção de um espaço de reencontro.

*Rethinking the places of the new normality: design and construction of a space for reunion.*

*Repensando los lugares de la nueva normalidad: diseño y construcción de un espacio de encuentro.*

Repensando os lugares da nova normalidade: projeto e construção de um espaço de reencontro.

Rethinking the places of the new normality: design and construction of a space for reunion.

Repensando los lugares de la nueva normalidad: diseño y construcción de un espacio de encuentro.

### Fernando Espósito Galarce

Arquiteto formado pela Escola de Arquitetura e Design da Pontifícia Universidade Católica de Valparaíso, Chile. Doutor em Arquitetura pela Escola Técnica Superior de Arquitetura de Barcelona, Universidade Politècnica da Catalunya. Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura (PPGARq) do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Coordenador do grupo de pesquisa Laboratório de Observação do Espaço Habitado (LObE-Hab).

*Architect graduated from the School of Architecture and Design of the PUCV, Valparaíso, Chile. PhD in Architecture from the Technical School of Architecture of Barcelona, UPC. Professor and researcher in the Graduate Program in Architecture (PPGARq) of the Department of Architecture and Urbanism, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Coordinator of the research group Laboratory of Observation of the Inhabited Space (LObE-Hab).*

*Arquitecto graduado de la Escuela de Arquitectura y Diseño de la Pontificia Universidad Católica de Valparaíso, Chile. Doctorado en Arquitectura por la Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona, Universidad Politècnica de Catalunya. Profesor e investigador en el Programa de Posgrado en Arquitectura (PPGARq) del Departamento de Arquitectura y Urbanismo, Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Coordinador del grupo de investigación Laboratorio de Observación del Espacio Habitado (LObE-Hab).*

fernando.esposito@puc-rio.br

Repensando os lugares da nova normalidade: projeto e construção de um espaço de reencontro.

Rethinking the places of the new normality: design and construction of a space for reunion.

Repensando los lugares de la nueva normalidad: diseño y construcción de un espacio de encuentro.

### **Mariana Cobucci de Oliveira**

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI/CNPq) de 2021 a 2023.

*Graduating in Architecture and Urbanism at the Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro (PUC-Rio). Scholarship holder of the Institutional Program of Initiation Scholarships in Technological Development and Innovation (PIBITI/CNPq) from 2021 to 2023.*

*Graduado en Arquitectura y Urbanismo en la Pontificia Universidad Católica de Rio de Janeiro (PUC-Rio). Becaria del Programa Institucional de Becas de Iniciación en Desarrollo e Innovación Tecnológica (PIBITI/CNPq) de 2021 a 2023.*

cobucci.m@outlook.com

### Resumo

Produto da alongada e profunda crise sanitária de escala global decorrente da pandemia da COVID-19 e sofrida com maior intensidade nos anos 2020 e 2021, fomos enfrentados ao que podemos chamar de crise nas nossas formas de habitar. O distanciamento físico e a reclusão voluntária foram importantes mecanismos de proteção durante este período, bem como as ocasionais restrições decretadas pelo poder público em termos de circulação da população nos ambientes públicos não essenciais. Ainda que necessárias, tais ações imprimiram mudanças expressivas sobre como experienciamos a cidade, nossa relação para com ela e para com os outros.

Este trabalho discute sobre estas questões e observa situações em que se evidencia uma nova normalidade, ou a-normalidade. Fundamentada em uma reflexão sobre essa ideia de “nova a-normalidade”, o trabalho reflete sobre a crise do estar junto a outros, do encontro e do componente afetivo na apropriação do lugar. Em termos metodológicos são mobilizados os conceitos de apropriação, afeto e lugar, refletindo sobre a ideia de “nova a-normalidade” na relação entre lugar, habitante e o ato do encontro.

Apoiada nessa reflexão, é desenvolvido e executado um projeto que opera como suporte para a implantação de um lugar de caráter efêmero e materialidade leve. Uma microarquitetura que oferece um novo lugar no contexto de pós-confinamento, de reencontros e levando em consideração a urgente necessidade de contato em um tempo em que ainda havia uma demanda sanitária por distanciamento. A intervenção, nomeada Pavilhão do Reencontro, foi projetada e construída por estudantes em um processo orientado por um docente, buscando refletir, como processo, sobre o essencial da arquitetura em termos de espaço, materialidade, estrutura e o ato de habitar que o lugar concebido é capaz de acolher em termos de encontro. Se busca, através de um gestual poético, uma espacialização arquitetônica simplificada da ideia de convívio à luz do componente espaço-afetivo.

A fase empírica do trabalho aqui apresentado possibilitou uma reflexão ativa num processo integral desde a idealização e projeção, passando pela construção até habitar o construído, experimentando as potencialidades dessa reflexão arquitetônica. Vivenciar o ato projetual, construtivo, e finalmente habitar o construído, influencia positivamente as escolhas e os processos projetuais, sensibilizando as estratégias de ensino voltadas ao “aprender fazendo”. Algo que, finalmente, se concretizou também como uma outra possibilidade de reencontro no ato de construir.

**Palavras-chave:** Pandemia. Espaço coletivo. Habitar. Reencontro.

### Abstract

*Due to the prolonged and profound health crisis on a global scale resulting from the COVID-19 pandemic suffered with greater intensity in the years 2020 and 2021, we have also experienced what we can call a crisis in our ways of living. Physical detachment and voluntary imprisonment were important protective mechanisms during this period, as were the occasional restrictions imposed by public authorities on the movement of the population to non-essential public environments. Though necessary, such actions left expressive marks on how we experience the city and our interactions with it and with others.*

*This work discusses these issues and examines situations in which a new normality, or a-normality, is evident. Based on a reflection on this idea of "new a-normality",*

Repensando os lugares da nova normalidade: projeto e construção de um espaço de reencontro.

Rethinking the places of the new normality: design and construction of a space for reunion.

Repensando los lugares de la nueva normalidad: diseño y construcción de un espacio de encuentro.

as a consequence of the health crisis characterized by changes in habitat during the pandemic, the work reflects on the crisis of being with others, the encounter and the affective component in the appropriation of the place. In methodological terms, the concepts of appropriation, affection and place are mobilized to reflect on the idea of "new a-normality" in the relationship between place, inhabitant and the act of encounter.

Supported by this reflection, a project is developed and executed that acts as a support for the implementation of a place of ephemeral character and light materiality. A microarchitecture that offers a new place in the context of post-confinement, of reunions, and that considers the urgent need for contact at a time when there was still a sanitary demand for distance. The intervention, named Pavilion of the Encounter, was designed and built by students in a process guided by a faculty member, seeking to reflect, as a process, on the essence of architecture in terms of space, materiality, structure and the act of habitat that the place conceived is able to accommodate in terms of encounter. Through a poetic gesture, it seeks a simplified architectural spatialization of the idea of living together in the light of the spatial-affective component.

The empirical phase of the work presented here allowed for active reflection in an integral process that ranged from idealization and projecting through construction to inhabiting the built and experiencing the possibilities of this architectural reflection. Experiencing the projectual, constructive act, and finally inhabiting the building, has a positive influence on the choices and design processes, as well as sensitizing the teaching strategies aimed at "learning by doing," which eventually became the possibility of reunion in the act of building.

**Keywords:** Pandemic. Collective space. Inhabit. Reencounter.

### Resumen

Debido a la prolongada y profunda crisis sanitaria a escala mundial, producto de la pandemia del COVID-19, que se sufrió con mayor intensidad en los años 2020 y 2021, también hemos vivido lo que podemos llamar una crisis en nuestras formas de habitar. El distanciamiento físico y la reclusión voluntaria fueron importantes mecanismos de protección durante este período, así como las restricciones ocasionales decretadas por las autoridades en cuanto al desplazamiento en cualquier espacio público no esencial. Aunque necesarias, tales acciones trajeron cambios significativos en la forma en que experimentamos la ciudad, nuestra relación con ella y con los demás.

Este artículo discute estos temas y observa situaciones en las que una nueva normalidad, o a-normalidad, es evidente. A partir de una reflexión sobre esta idea de "nueva anormalidad", como consecuencia de la crisis sanitaria caracterizada por los cambios en la vida durante la pandemia, este trabajo reflexiona sobre la crisis del estar junto al otro, el encuentro y el componente afectivo en la apropiación del lugar. En términos metodológicos, los conceptos de apropiación, afecto y lugar se movilizan para reflexionar sobre la idea de una "nueva anormalidad" en la relación entre lugar, habitante y el acto del encuentro.

Apoyado en esta reflexión, se desarrolla y ejecuta un proyecto que opera como soporte para la implementación de un lugar de carácter efímero y materialidad leve. Una microarquitectura que ofrece un nuevo lugar en el contexto post confinamiento, de reencontro y teniendo en cuenta la urgente necesidad de contacto en un momento en el que aún existía una exigencia sanitaria de distanciamiento. La intervención, denominada Pabellón del Reencuentro, fue diseñada y construida por estudiantes

Repensando os lugares da nova normalidade: projeto e construção de um espaço de reencontro.

Rethinking the places of the new normality: design and construction of a space for reunion.

Repensando los lugares de la nueva normalidad: diseño y construcción de un espacio de encuentro.

*en un proceso guiado por un profesor, buscando reflexionar, como proceso, sobre lo esencial de la arquitectura en términos de espacio, materialidad, estructura y el acto de habitar que el lugar concebido es capaz de acoger en términos de encuentro. Busca, a través de un gesto poético, una espacialización arquitectónica simplificada de la idea de convivencia a la luz del componente espacio-afectivo.*

*La fase empírica del trabajo aquí presentado permitió una reflexión activa en un proceso integral desde la idealización y el diseño, pasando por la construcción hasta habitar lo construido, experimentando el potencial de esta reflexión arquitectónica. Experimentar el acto proyectual, constructivo y finalmente habitar lo construido influye positivamente en las decisiones y procesos proyectuales y sensibiliza las estrategias didácticas orientadas al “aprender haciendo”, lo que finalmente se materializa como otra posibilidad de reencuentro en el acto de construir.*

**Palabras clave:** Pandemia. Espacio colectivo. Habitar. Reencuentro.

## Introdução

O debate acerca das formas de viver, de habitar, tanto no âmbito doméstico como urbano, tem ganhado novos contornos devido ao recente momento caracterizado por uma alongada e profunda crise sanitária de escala global decorrente da pandemia de COVID-19. O distanciamento físico e a reclusão voluntária foram importantes mecanismos de proteção durante este período, bem como ocasionais restrições decretadas pelo poder público em termos de circulação da população nos ambientes públicos não essenciais, além do uso obrigatório de máscaras, das limitações de capacidade de alguns espaços públicos e comerciais, entre outras medidas sanitárias. Ainda que necessárias, tais ações imprimiram mudanças expressivas sobre como experienciamos a cidade, nossa relação para com ela e para com os outros que também a habitam. O encontro entre as pessoas, as suas diferentes formas de relação no espaço, seja este doméstico, público, coletivo, íntimo, entre outros, o convívio enquanto atributo da experiência do espaço urbano, foi transformado, tanto em uma perspectiva do presente, que ainda estamos vivenciando, quanto em possíveis reverberações para o futuro.

Este trabalho reflete sobre estas questões e observa algumas situações que evidenciam uma nova normalidade, ou (a)normalidade. Como parte desta reflexão, durante a pesquisa foi desenvolvida uma proposta arquitetônica de pequena escala nomeada Pavilhão do Reencontro, com o objetivo de ser um suporte para o estabelecimento de um lugar de encontro dentro do campus da PUC-Rio, para ser utilizado uma vez iniciado o retorno gradual aos espaços da universidade em Março de 2022. Apresentando um caráter efêmero e uma materialidade leve, se manifesta, por um lado, como uma provocação da ideia de lugar na pós-pandemia e, por outro, como um convite a vivenciar novas relações em lugares coletivos, gerando uma reaproximação em um lugar preexistente. Para tal, era fundamental que este pavilhão tivesse um significado e uma identidade, sendo não apenas um espaço para nos reencontrar após dois anos de distanciamento, mas também um lugar para nos reconhecer. Para além de um objeto construído, buscamos o estabelecimento de um pequeno lugar por meio de uma microarquitetura em um espaço preexistente no térreo do edifício IMA, local que abriga salas destinadas às aulas e ateliês do curso de arquitetura da PUC-Rio. Este minipavilhão é concebido como uma obra que, projetada e construída por estudantes em um processo orientado pelo docente, busca também refletir, como processo, sobre o essencial da arquitetura: emoldurar, estruturar e dar sentido ao nosso ser-no-mundo (PALLASMAA, 2017 [1999], p. 66). Ecoando os desdobramentos da crise em concretude háptica, como conceituado por Pallasmaa (1996), e por meio de um gestual poético, este pavilhão é uma espacialização arquitetônica que nos lembra do que perdemos, do que nos recuperamos e do que realmente devemos cuidar e fortalecer: o convívio e o afeto socioespacial. Por fim, um lugar de encontro.

## Metodologia

O trabalho avança paralelamente em duas linhas de ação, uma teórica e outra prática, operando conjuntamente com desenvolvimento empírico/experimental e discussão bibliográfica, organizado em 3 etapas.

Em um primeiro momento, de justificativa e contextualização, a pesquisa procura estabelecer um panorama da crise sanitária de COVID-19 a partir da compreensão dos efeitos da pandemia no espaço e seus impactos na possibilidade de encontro, nos lugares e nas pessoas e suas repercussões no estar na cidade. Como segundo momento,

Repensando os lugares da nova normalidade: projeto e construção de um espaço de reencontro.

Rethinking the places of the new normality: design and construction of a space for reunion.

Repensando los lugares de la nueva normalidad: diseño y construcción de un espacio de encuentro.

uma reflexão sobre a ideia de reencontro, a volta à a-normalidade, discutindo os conceitos de lugar, de habitar e de estar com outros, mobilizando autores como Pallasmaa, Holzer e Norberg-Schulz. E, finalmente, um terceiro momento, projetual e construtivo: o pavilhão, que opera como reflexão teórico-prática, refletindo uma metodologia de “pensar fazendo”.

## Justificativa e Contextualização

***Os desastres começam de repente e nunca terminam de fato. O futuro, de formas cruciais, não se assemelhará ao passado, mesmo ao passado muito recente, de um ou dois meses atrás. Nossa economia, nossas prioridades, nossas percepções não serão o que eram no começo do ano. (SOLNIT, 2020)***

Quando, em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) caracterizou o novo coronavírus como uma pandemia, a vida se adentrou em um outro ritmo. O crescente número de casos e a velocidade da disseminação do vírus impuseram uma enorme pressão no sistema de saúde, assim como uma constante preocupação acerca da sobrecarga hospitalar e a indisponibilidade de leitos. Conforme apontado por Ling (2020) e corroborado por diversos especialistas, tal escalada de casos pôde ser explicada pela relação entre a facilidade de contágio somada à falta de sintomas, ou até mesmo a desatenção a sintomas mais brandos durante a fase inicial da doença, o que iniciou uma “reação em cadeia exponencial de transmissão” pois quando se identificou o primeiro caso de contágio, provavelmente outras pessoas já tinham contraído o vírus (LING, 2020). Buscando mitigar uma proliferação massiva de casos o poder público instaurou medidas de distanciamento social, restrições ocasionais de circulação da população nos ambientes públicos não essenciais, suspensão momentânea de atividades que favoreçam aglomerações, uso obrigatório de máscaras, assepsia das mãos e higienização de superfícies e objetos, limitações na capacidade de ocupação de alguns espaços públicos e comerciais, entre outras medidas sanitárias.

É certo que, comparados a outras nações, no Brasil, a obrigatoriedade de certas medidas e a preocupação com a possibilidade de um cenário catastrófico demorou a ser reconhecida por determinados agentes do Estado (PINHEIRO, 2020). Podemos apontar ainda uma certa resistência quanto à implementação de medidas mais rigorosas de distanciamento. Contrariando diretrizes federais, somente alguns decretos estaduais estabeleceram em seus respectivos estados alguma medida mais rigorosa de isolamento social, porém nada tão severo quanto aos processos de lockdown realizados na Europa e Ásia (SOUZA, 2020). Ainda assim, houve uma mudança brusca. O cotidiano como conhecíamos se transformou. Solnit (2020) condensa muito bem tamanha mudança, ressaltando sua “natureza espacial”:

***Para muitos de nós no mundo desenvolvido, a mudança mais imediata foi de natureza espacial. Ficamos em casa, aqueles de nós que têm casas, longe do contato com outros. Nos retiramos de escolas, locais de trabalho, conferências, férias, academias de ginástica, saídas ocasionais, festas, bares, clubes, igrejas, mesquitas e sinagogas, de toda a agitação da vida cotidiana. (SOLNIT, 2020)***

Sim, ficar em casa não era uma opção disponível para todos, infelizmente. A pandemia de COVID-19 modificou nossa percepção do espaço habitado, nossa percepção na forma de estar junto a outros. As atividades antes realizadas “do lado de fora” passaram a acontecer no interior, no espaço doméstico, que se tornou o “epicentro da vida cotidiana e laboral” (ESPÓSITO; LINARES; MEIRA, 2021). O esvaziamento das ruas em favor das medidas de isolamento social transferiu para o núcleo residencial toda

essa “agitação da vida cotidiana” (SOLNIT, 2020), que no interior se modifica. Seguimos tentando fazer as mesmas coisas, mas de maneira diferente. O trabalho passa a ser remoto. As opções de lazer, limitadas ao lado de dentro. Os encontros acontecem por videoconferência. O mundo acessível circunscreve o interior doméstico, tudo se desenrola dentro. Para nos proteger e proteger aos nossos próximos, nos recolhemos, transformando a relação que estabelecíamos com o meio urbano. T tamanha transformação desloca a compreensão deste espaço de lugar “de encontro e da festa”, substituindo-a, conforme Simoni (2021, p. 58 - 59), por “uma geografia do medo” - que a mesma autora caracteriza como um “elemento geográfico” por “produzir (ou induzir a produção de) espacialidade”. A atmosfera produzida pela pandemia, muito em razão das imposições de distanciamento, se dá como reflexo do “medo do contágio e da sensação de incerteza” que “transformam o espaço urbano num espaço inimigo” (SIMONI, 2021, p. 59), o que a autora classifica como uma “paisagem do medo” (TUAN, 2005. *apud*: SIMONI, 2021, p. 59). E, como a “contenção territorial” não é uma “possibilidade ao alcance de todos”, o medo se potencializa mais e mais como marca da desigualdade. Caso as ruas estivessem despovoadas, o risco de contágio seria inferior, uma vez que não há aglomerações ou contato próximo. Há outros riscos, claro, mas não tanto o da doença em si. Porém, como ainda há “a obrigação” para a população vulnerável “de mover-se sob o risco constante de contágio”, uma marca que Simoni (2021, p. 59) chama de “a frágil mobilidade” e que, infelizmente, “segue como norma em um cotidiano marcado pela precariedade e vulnerabilidade”, a atmosfera do medo se duplica. Não somente por “lá fora” ser considerado inseguro, aquém da nossa capacidade de controle, mas porque há a certeza de um contato com esses indivíduos que vivem “sob o risco constante de contágio” (SIMONI, 2021, p. 59). A autora observa esse panorama diante uma chave de “fuga para o campo”, como ela mesma chama. Neste trabalho procuramos observar tais circunstâncias como indutores de um receio sobre a rua e seus encontros.

Assim, o distanciamento social, com seus longos períodos de confinamento domiciliar, cortou drasticamente a relação do corpo com a rua, com o “lá fora”. *As imagens do confinamento* começaram a se espalhar pelos meios de comunicação. Um exemplo é a reportagem *The Great Empty* (O Grande Vazio, tradução nossa), logo ao final de Março de 2020, do *The New York Times*, na qual contemplamos espaços antes conhecidos por um dinamismo de fluxos, pontos de grandes aglomerações urbanas, transformados em grandes espaços desérticos, ressaltados em sua amplitude pela ausência de pessoas (fig. 1 e 2). Kimmelman (2020), que escreve a introdução, reflete: *emptiness proliferates like the virus* (“o vazio se prolifera tal qual o vírus”, tradução nossa). Essas dramáticas fotos de conhecidas praças e avenidas desoladamente vazias surgiram em nossas telas e se alojaram desconcertantes em nosso imaginário. Speranza (2020) discorre sobre essas imagens desabitadas em uma reflexão sobre isolamento social ao tratar da “nova imagem da cidade” que se encontrava naquele momento “retida, pausada, sem os fluxos urbanos habituais”. O autor cria um paralelo com a “obra desabitada de Juan Manuel Ballester” e o que enxergamos ao olhar através de nossas janelas, ao olhar a rua, “o espaço público por excelência”, e a ausência de pessoas. Em suas palavras: “assim vemos de nossas janelas a obra de Ballester, vemos de nossas janelas um espaço desabitado” (SPERANZA, 2020, p. 9). Para além do estranhamento, decorrente de ver lugares tão familiares sob uma perspectiva tão destoante, tais imagens começaram a atuar como suporte para uma sensação de insegurança amplificada pelo receio para com o externo, uma vez que sair implicaria entrar em uma zona de “alto risco”, como desenvolvem Espósito, Linares e Meira (2021), delimitada por qualquer espaço para além da porta de casa. Uma percepção marcada pelas propriedades do “estranhamente familiar” (*unheimlich*, no original, ou, na tradução inglesa, *uncanny*), definido por Freud (1919) como “a redescoberta de algo familiar que foi anteriormente reprimido, o inquietante reconhecimento da presença

Repensando os lugares da nova normalidade: projeto e construção de um espaço de reencontro.

Rethinking the places of the new normality: design and construction of a space for reunion.

Repensando los lugares de la nueva normalidad: diseño y construcción de un espacio de encuentro.

de uma ausência” (NESBITT, 2006). Aqui, representado, como aponta Wedekin (2021), por um “paradoxo” no qual os “cenários familiares” são reconhecidos “em uma condição de estranheza pelo despojamento do elemento humano”. Uma perturbação do familiar (BENNET; ROYLE, 2004, p. 34. apud: WEDEKIN, 2021). De maneira que o desconforto de tal redescoberta ou reconhecimento serve de alerta sobre algo que não deveríamos estar vivenciando. Por isso o incômodo. O vazio ressoando o perigo de sair, de ir lá fora, a espaços comuns. Um duplo do cotidiano da rua, do encontro, da festa com a *nova normalidade*, do distanciamento e do esvaziamento da mesma rua. O vírus, uma ameaça externa, está no outro, está no lado de fora, externo a mim. Transmutando o que um dia foi um lugar familiar, em um espaço incerto.

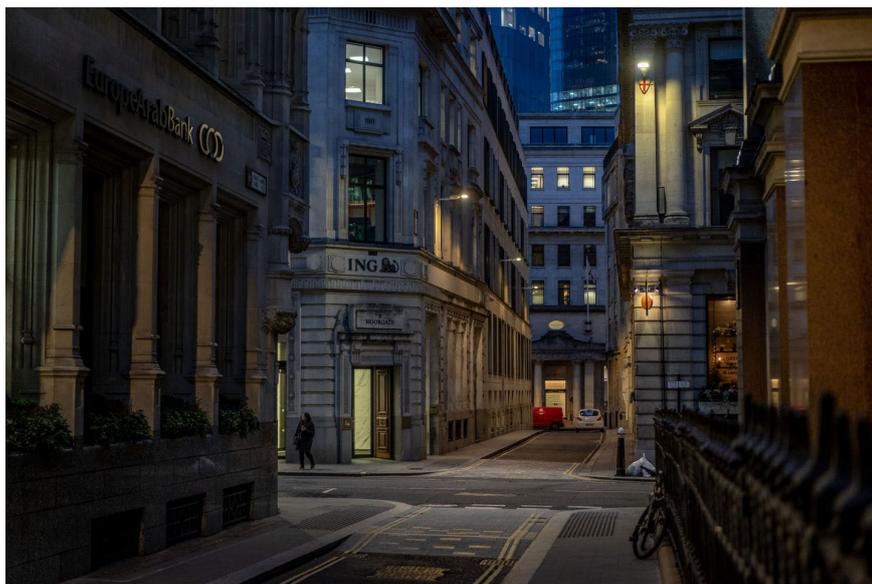


FIGURA 1 – Imagem fotografada em horário de rush em uma rua antes movimentada em Londres.

Fonte: The New York Times, 2020.

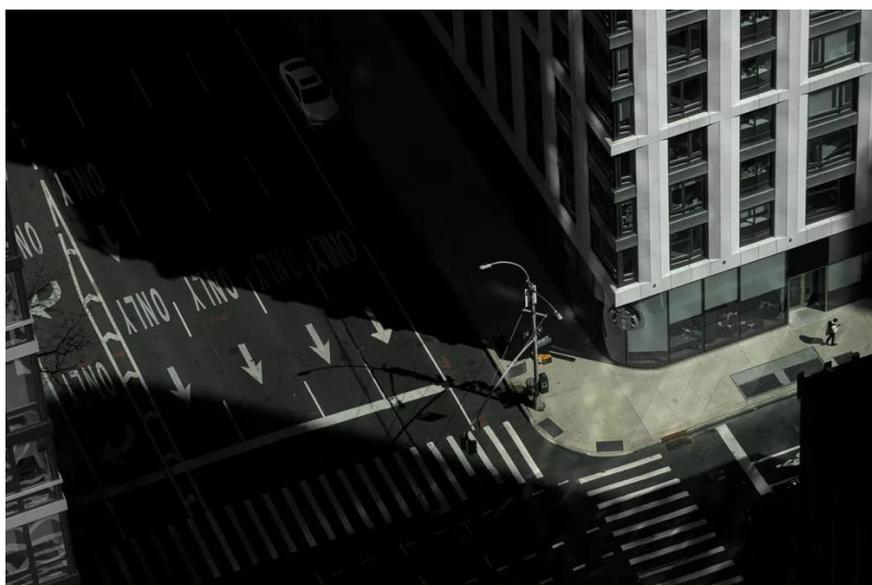


FIGURA 2 – Rua em Nova York durante a pandemia de coronavírus.

Fonte: G1, 2020.

O que nos confronta com a pergunta: como retornar a propiciar encontros quando o medo do contato se torna tão presente? Como voltar a ocupar o espaço habitado e nos apropriar destes como *lugares*? Como ultrapassar o estranhamento e favorecer

encontros? À vista disto, tamanho medo, expandido como efeito da reclusão prolongada, reforçado pelas cenas desabitadas, se apresenta como um fator considerável ao se pensar o espaço de reencontro em um cenário pós-pandêmico. Saímos da privação do contato, de uma ordem de distanciamento, e, com o abrandar da pandemia e o relaxamento das medidas de distanciamento, entramos em uma *nova normalidade*. Contudo, isto não ocorre sem que existam reverberações. Como todo esse tempo de afastamento é rebatido durante a transição? Há impactos, decerto, algo é trazido da reclusão a este novo encontro. Em alguma parte, mesmo que reduzido, permanece um estranhamento. Ainda há receio em um contato mais excessivo, espontâneo. Tendo em conta que a cidade é “um assentamento humano em que estranhos têm a chance de se encontrar” (SENNETT, 1978. apud: SIQUEIRA, 2016), “um lugar que garante a boa convivência entre estranhos” (SIQUEIRA, 2016), um espaço que carrega em sua mais pura essência o ato de encontro, a falta de anseio pelo contato, como legado do isolamento, o estranhamento para com a rua, fragmentam a dinâmica urbana. Somado ainda a uma estigmatização socioespacial que ganha uma justificativa sanitária, extremamente perigosa sob o ponto de vista da exclusão social, dado que o *outro*, estranho à minha vivência no espaço, deixa de ser apenas estigmatizado por ser um estranho, para se tornar também um possível vetor da doença. Uma estigmatização que fortalece ainda mais os processos de distanciamento social já existentes na cidade, a tornando mais fragmentada, criando “espaços em branco”, categorizados como ambientes que devem ser evitados e, logo, não mapeados por nossa experiência pessoal (ESPÓSITO; LINARES; MEIRA, 2021).

Um encadeamento que se desenrola ainda envolto em uma densa ansiedade por “voltar ao normal”. O que acaba resultando exponencialmente em uma *(a)normalidade*. Uma situação contraditória na qual queremos existir como existíamos antes, um desejo compreensível de regularização, mas, ao mesmo tempo, a normalidade, o contato, a troca, o encontro, o estar em um mesmo espaço com diversas pessoas, a aglomeração, causam um certo temor. E, porque ainda existe, mesmo que em menor grau, a circulação de um vírus, precisamos manter algumas barreiras sanitárias de proteção. Em outras palavras, queremos voltar ao estilo de vida que levamos, no entanto, por não ser ainda completamente possível e por certos aspectos do antigo cotidiano nos causarem agora certa relutância, caminhamos em direção a um momento distinto, uma não normalidade que se esforça em rememorar o cotidiano suspenso. Uma *nova (a)normalidade*.

## A ideia de reencontro, volta a (a)normalidade

À medida que a pandemia abranda, nos encontramos nesse momento entre percepções. Um anseio pela normalidade antes da crise que convive com a preocupação que a crise em si traz, bem como com a preocupação de novas manifestações intensas da mesma. Logo, o que aqui denominamos *(a)normalidade*, esse momento entre, seria a entrada nesse “mundo imprevisto” (SOLNIT, 2020) que não é a volta ao que existia antes e ainda assim não é completamente novo. Para mais, a crença em uma normalidade passada, onde “tudo ia bem antes do desastre acontecer” e na qual “tudo o que precisamos é voltar ao que existia antes” se mostra irreal e perigosa. Como expõe Solnit (2020), “a vida comum antes da pandemia já era uma catástrofe de desespero e exclusão para um número muito grande de seres humanos, uma catástrofe climática e ambiental, algo obscuro em termos de desigualdade”.

Diante da peculiaridade desta experiência anômala, nos concentramos em refletir sobre as repercussões de tal conjuntura no espaço e seus desdobramentos arquitetônicos. A partir do referencial teórico e conceitual de autores como Pallasmaa

(2017), Holzer (2013) e Norberg-Schulz (1976), entre outros, trazemos os conceitos de *espaço*, *lugar* e *habitar* para refletir sobre o ato do reencontro em uma condição de nova (a)normalidade.

Primeiramente, devemos conceituar espaço, “um termo genérico e abstrato”, como informa Holzer (2013, p. 19), “ligado à geometria euclidiana e à física newtoniana”. Nomeado geométrico, por Dardel (1950. apud: HOLZER, 2013), “opera sobre o espaço abstrato, vazio de todo conteúdo”. Isento de qualquer “concretude existencialista”, se contrapõe ao nomeado geográfico. Aqui, nos importando mais sua “dimensão existencial”, do que sua “noção matemática” (NORBERG-SCHULZ, 2006 [1976], p. 449), observamos o espaço como algo que podemos “adjetivar” como geográfico, onde cabe “qualquer coisa dotada de materialidade, ou simplesmente desvelada como fenômeno, para a qual nos voltamos intencionalmente e com a qual temos um relacionamento intersubjetivo, enquanto seres-no-mundo” (HOLZER, 2013). Ou seja, o espaço existencial, o espaço vivido, que aparece para nós “em relação”, o qual se estrutura à medida que o indivíduo reflete valores e significados através de memória e conteúdos empíricos, o que organiza tridimensionalmente os elementos que conformam o espaço conceituado como geográfico (PALLASMAA, 2017 [1999], p. 61). Ainda, é importante compreender que, em um encadeamento, os espaços recebem sua essência dos lugares e não do “espaço” em si (HEIDEGGER, 1951. apud: NORBERG-SCHULZ, 2006 [1976], p. 450), pois são os lugares que conferem ao espaço “uma instância e uma circunstância”. São o que os “constituem e delimitam” (HOLZER, 2013, p. 21). Para Norberg-Schulz, um termo concreto para falar de ambiente é lugar, termo que usamos na linguagem comum para dizer que os acontecimentos têm um lugar. Segundo o autor, não faz sentido imaginar um acontecimento sem uma localização concreta, pois o lugar faz parte da existência.

*Então, o que se quer dizer com a palavra “lugar”? É claro que nos referimos a algo mais do que uma localização abstrata. Pensamos numa totalidade constituída de coisas concretas que possuem substância material, forma, textura e cor. Juntas, essas coisas determinam uma “qualidade ambiental” que é a essência do lugar. Em geral, um lugar é dado como esse caráter peculiar ou “atmosfera”. Portanto, um lugar é um fenômeno qualitativo “total”, que não se pode reduzir a nenhuma de suas propriedades, como as relações espaciais, sem que se perca de vista sua natureza concreta. (NORBERG-SCHULZ, 2006 [1976], p. 444 - 445)*

Em outras palavras, a materialidade experimentada no e pelo corpo, a qual não é percebida pela soma de seus “dados”, mas sim de “modo global”, “com todo o meu ser” (PALLASMAA, 2017 [1996], p. 50). Um “centro de ação e intenção”, “um foco onde nós experimentamos os eventos significativos de nossa existência” (RELPH, 1976. apud: HOLZER, 2013). Conforme Holzer (2013, p. 23), os lugares “só existem a partir do compartilhamento de experiências entre seres humanos”, algo que o autor detalha como a partilha da “experiência intersubjetiva” de “coisas e fenômenos para os quais nos voltamos em comum”. O que se traduz bem quando Relph aponta lugares como “contextos”, “panos de fundo”. Para além do vínculo de compartilhamento de significados, a relação entre indivíduo e lugar determina o ato de habitar. De acordo com a definição de Heidegger: o modo como você é, eu sou, o modo como os homens são na terra, é habitar (1957. apud: NORBERG-SCHULZ, 2006 [1976], p. 448). O que faz do ato de habitar uma *interiorização* do mundo, segundo Norberg-Schulz.

*O ato de habitar revela as origens ontológicas da arquitetura, lida com as dimensões primordiais de habitar o espaço e o tempo, ao mesmo tempo em que transforma um espaço sem significado em um espaço especial, um lugar e, eventualmente, o domicílio de uma pessoa. O ato de habitar é o modo básico de alguém se relacionar com o mundo. É fundamentalmente um intercâmbio e uma extensão; por um lado, o*

***habitante se acomoda no espaço e o espaço se acomoda na consciência do habitante, por outro, esse lugar se converte em uma exteriorização e uma extensão de seu ser, tanto de um ponto de vista físico quanto mental. (PALLASMAA, 2017, p. 7 - 8)***

Dessa maneira, *habitar* seria, como conceituou Norberg-Schulz, o propósito existencial de construir, aqui usado no sentido de fazer arquitetura, que ao revelar o espaço como lugar, traz à luz seus “significados presentes” e o realiza de “modo latente no ambiente dado” (2006 [1976], p. 454). Ao conferir significados experienciais e existenciais aos espaços sem sentido, os “domesticando”, os convertemos em espaços específicos que coreografam e ressoam juntamente com nossas ações e reações mentais, e, assim, habitamos e compreendemos os espaços do mundo (PALLASMAA, 2017 [2015], p. 113). A partir de sua “vocalização” de lugar, os transformamos em lugares protegidos, onde podemos *estar* em paz, concretizando o mundo em “construções e coisas”, como Norberg-Schulz conclui. Pallasmaa (1999) constrói semelhante reflexão ao estabelecer como objetivo da arquitetura “emoldurar, estruturar e dar sentido ao nosso ser-no-mundo”. Determinando a ela o papel de mediadora entre “o mundo e nós mesmos” bem como sendo “horizonte de entendimento” da condição existencial humana. O que, por isso, faz da arquitetura não apenas “abrigo para o corpo”, mas também “contorno da consciência e externalização da mente” (PALLASMAA, 2017 [1999], p. 66).

Então, em razão do novo momento que vivenciamos, como seria esse novo emolduramento de nosso ser-no-mundo, apontado por Pallasmaa? Partindo do conceito de lugar, da vivência compartilhada de um espaço e do desvelamento de seu significado, e fundamentado na sua importância dentro da prática de *habitar*, questionamos quais seriam as novas demandas em termos espaciais. Quando o momento exige distanciamento, uma supressão de contato, como proporcionar o compartilhamento de experiências que fundamentam a concepção de um lugar? Quando lugares só existem a partir do compartilhamento de experiências (HOLZER, 2013, p. 23), como partilhar sem se transpor o limite do próximo, do outro?

Portanto, apesar de um distanciamento provisório que seria uma imposição descontinuada no futuro, a reflexão avança sobre um gesto espacial que responde de certo modo a tal distância imposta. Uma maneira de garantir não somente uma construção física, mas um espaço com caráter de lugaridade, contrastando distanciamento e aproximação. Uma arquitetura simples em termos espaciais, estruturais e construtivos, mas que se apresentasse como convite e suporte para a retomada dos encontros em ambientes coletivos. E que, mesmo em situação de retomada da presencialidade, de reaproximação física, ainda fosse capaz de conformar gestos e características ao espaço que refletissem a existência desse tempo e as marcas que por ele foram deixadas.

## O pavilhão, uma reflexão teórico-prática

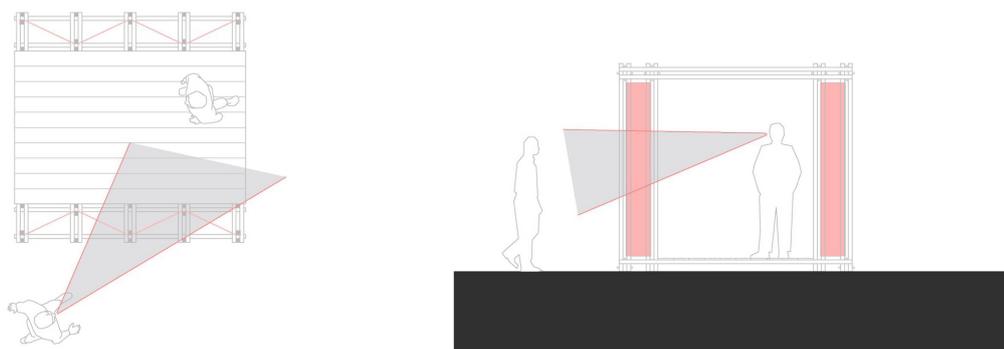
Compreendemos que existe um medo gerado pela pandemia e que este se expressa como distanciamento físico. Por meio da proposta de uma microarquitetura como exercício projetual que articula e espacializa estas reflexões arquitetonicamente, o ato do reencontro, neste adentrar da nova **(a)normalidade**, é interpretado como um contato mais velado, menos direto, que reconhece três circunstâncias distintas: o contato ao qual queremos retornar, a relutância a um encontro em proximidade acentuada e a celebração de uma nova aproximação. Sistematizando as ideias de isolamento, relação e troca, potencializamos um partido para o projeto sintetizado por uma troca sem contato mediante a dissolução dos limites do objeto arquitetônico. A proposta é um abrigo, que pelo cerne de sua fundamentação se caracteriza por um espaço

## Repensando os lugares da nova normalidade: projeto e construção de um espaço de reencontro.

Rethinking the places of the new normality: design and construction of a space for reunion.

Repensando los lugares de la nueva normalidad: diseño y construcción de un espacio de encuentro.

mais fechado, piso, quatro paredes e cobertura, encerrado em si mesmo. Ainda assim, sua razão de ser está em operar como suporte para o encontro. Tal ação acontece mediante uma troca e contato gradual. Seus ocupantes habitam aquele espaço que se configura como lugar de permanência ao compartilhar experiências, a partir de uma articulação qualitativa entre proteção e contato, entre vedação e exposição, diluindo parte das linhas de fronteira, e estabelecendo um véu de distanciamento, criando assim contato visual ao mesmo tempo que opera como barreira a um contato tátil mais expressivo, como representado nos desenhos abaixo [figuras 3 e 4]. Uma troca sem contato. Há ainda, como esforço da determinação dos limites, uma demarcação entre interior e exterior através de uma pequena elevação do piso. A construção de um assoalho, diferenciando o chão do piso, reforça ao ocupante a afirmação de um dentro. Bem como a conformação da estrutura por uma sequência de pórticos, delimitando a interferência tridimensional do objeto para com o espaço. Todos esses gestos buscam indicar ao habitante um espaço de acolhimento, desejando emoldurar ali a experiência do reencontro. Formalizando o local como operação potencializadora de lugar, um dispositivo de suporte para o estabelecimento de relações de troca através do ato de habitar.



FIGURAS 3 e 4 – Representações esquemáticas mostrando a estrutura em planta e em corte, nas quais podemos observar as interações visuais entre o indivíduo que ocupa a estruturas e aqueles que a perpassam.

Fonte: própria, 2022.



FIGURA 5 – Pavilhão do Reencontro implantado no térreo do Edifício IMA.

Fonte: grupo de pesquisa LOBEHab, 2022.

Repensando os lugares da nova normalidade: projeto e construção de um espaço de reencontro.

Rethinking the places of the new normality: design and construction of a space for reunion.

Repensando los lugares de la nueva normalidad: diseño y construcción de un espacio de encuentro.

Finalmente, a localização, como demonstra a foto acima [figura 5]. Um lugar conhecido e reconhecido pelos potenciais habitantes deste pavilhão. O térreo do Edifício IMA, que acolhe as disciplinas de projeto do departamento de Arquitetura da PUC-Rio. Um térreo que antes da pandemia já oferecia, porém, sem maior suporte, um lugar para se encontrar, de forma passageira e esporádica. Agora, o objetivo é oferecer uma permanência, um espaço intermediário de encontros, ou melhor dito, reencontros. Como expresso no texto da placa que acompanha a intervenção:

re-encontro

re-cordar

lugar de memórias, lembranças, amizade e gratidão

memorial nosso

da palavra, da escuta, do silêncio

do temporário que perdura nas vivências

do distanciamento próximo e translúcido

dos novos encontros

Segundo Barbieri (2007) a arquitetura precisa ser uma manifestação da “coexistência”, que nada mais é senão o “espaço do encontro”, o processo de “comunhão entre dois ou mais corpos” que partilham um instante, explorando a “experiência de reter nele a existência que lhe cabe”. Ou seja, a inclinação dos sentidos em direção “àquilo que permite ser desvelado”. Que, como abordado por Holzer (2013), seria o compartilhamento de experiências, um ato que institui **lugares**.

Assim, o Pavilhão do Reencontro responde como um gesto estrutural (fig. 6) que reflete a sintetização dos 3 atos que percebemos como anseios da nova **(a)normalidade**: o contato, a relutância e a celebração. Nele, pudemos explorar a ideia, como conceituada por Netto na relação entre comunicação e espaço, da “possibilidade do espaço arquitetônico e urbano não apenas como uma contingência, mas encapsular em si uma condição essencial da associação dos nossos atos e da produção da matriz da prática social” (2011, p. 145). Diferenciando o que é solo dado, daquilo que concebemos como piso, um assoalho elevado que caracteriza o interior, o dentro. Conforme a determinação de tal delimitação espacial, um interior vs. um exterior, os pilares estão distribuídos criando pórticos. Há uma dupla disposição destes pilares como maneira de expandir essa “parede” lateral sugerida, demarcando assim mais expressivamente as fronteiras do espaço. Gesto que por sua vez é **poeticamente borrado** visto que a “parede”, geralmente percebida como substância densa, sólida e opaca, aqui é construída por tecidos leves e visualmente permeáveis, “mascarando” o lugar de encontro. Podemos observar o desdobramento conceitual deste gesto nos diagramas a seguir [figura 7]. Um véu de separação que se realiza pela movimentação e tensionamento do tecido no percorrer dos pilares. A marcação de um interior que busca acolher quem ali se encontra, se completa pela sugestão de um teto em razão das vigas duplas e diagonais de contraventamento superior. Todas estas disposições buscam, em contraste, propiciar uma troca, mas ainda manter um distanciamento. Sintetizando as contradições da **(a)normalidade** em uma “troca sem contato”, por meio de uma **dissolução** de limites. Proporcionar ao ocupante um suporte ao encontro sem o devassar.

Repensando os lugares da nova normalidade: projeto e construção de um espaço de reencontro.

Rethinking the places of the new normality: design and construction of a space for reunion.

Repensando los lugares de la nueva normalidad: diseño y construcción de un espacio de encuentro.

FIGURA 6 – Etapas 1 e 2 demonstram a montagem do assoalho. Etapa 3, a distribuição dos pilares. Etapas 4, 5 e 6, à disposição das vigas duplas e das diagonais de contraventamentos. Etapa 7, o posicionamento do tecido.

Fonte: própria, 2022.

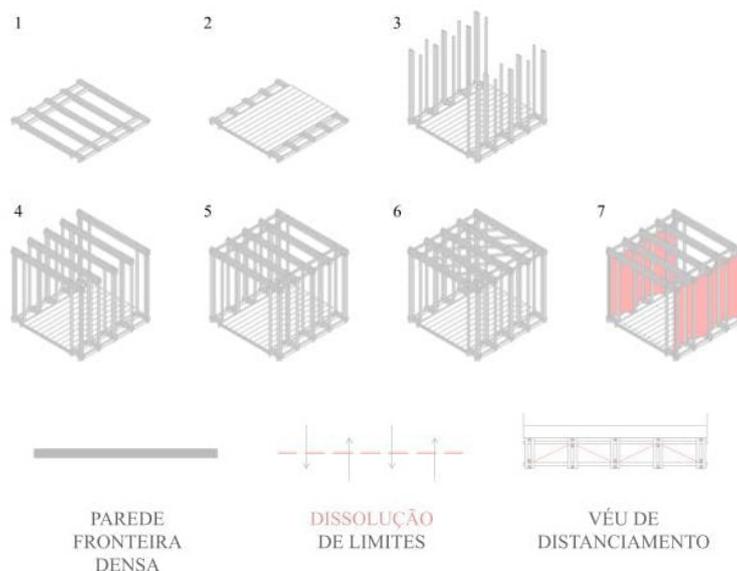


FIGURA 7 – Diagrama demonstrando a transição conceitual da compreensão de fechamento na estrutura arquitetônica. Onde iniciamos de maneira densa, uma barreira imposta sem nenhum tipo de transição, a qual articulamos entendendo a necessidade de propiciar algum contato entre interior e exterior. A partir deste ponto desenvolvemos um véu de distanciamento, de maneira que a parede se transmute em tecido leve e visualmente permeável.

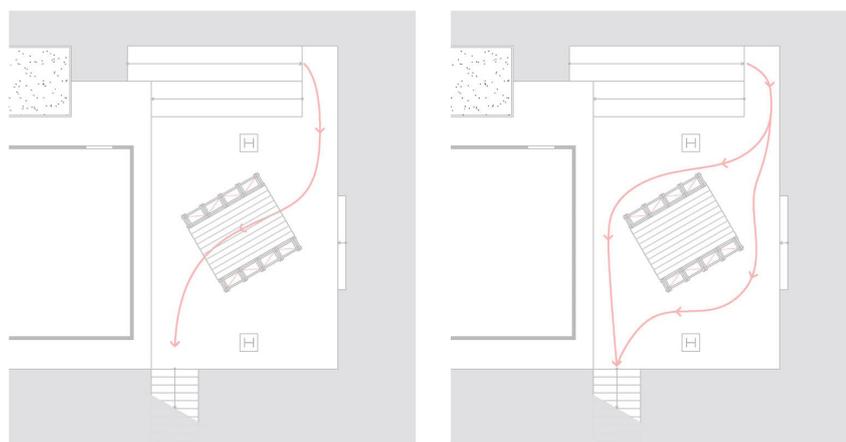
Fonte: própria, 2022.

## Resultados

A primeira reverberação da obra começa com sua implantação. O minipavilhão não se encontra ortogonal à edificação preexistente, mas sim deslocado para com ela, posicionado diagonalmente em relação ao espaço em que está inserido. Logo, a passagem entre a rampa de chegada e a escada que leva às salas nos andares superiores é “interrompida” pela intervenção, como demonstram os diagramas abaixo [figura 8]. É preciso adentrar seu interior ou rodear o objeto arquitetônico para seguir com o fluxo preestabelecido naquele térreo, forçando o passante a interagir com a obra de uma maneira ou de outra. Ambas as formas de interação desencadeiam uma “troca sem contato”. Ao adentrar a intervenção, quem passa percebe a presença de outros, mas se distancia dos passantes internos, estando o véu entre eles, como uma “parede” porosa. Ao rodear a estrutura, se trocam olhares com o interior, mas o contato é rarefeito. A segunda reverberação acontece dentro, na interação corpo a corpo com o espaço interior, no encontro. Desde que instalado, o pavilhão foi apropriado e ocupado pelos passantes. Estudantes e funcionários se reencontram e passam o tempo conversando. Alunos descansam entre uma aula e outra enquanto se descomprimem da concentração da sala de aula. O encontro, mais franco no interior, pode se desenrolar com abertura e leveza porque o habitante se sente acolhido.

FIGURA 8 – O diagrama da direita indica o fluxo onde o passante escolhe adentrar a estrutura para chegar a escada, enquanto o da esquerda, apresenta as possibilidades quando este opta por circundar o minipavilhão.

Fonte: própria, 2022.



Repensando os lugares da nova normalidade: projeto e construção de um espaço de reencontro.

Rethinking the places of the new normality: design and construction of a space for reunion.

Repensando los lugares de la nueva normalidad: diseño y construcción de un espacio de encuentro.

Todas estas ações, o *afastar-se*, o *adentrar-se*, o *encontrar-se*, denotam um certo impacto espaço-afetivo da arquitetura. Agenciam uma significância a este espaço, auxiliam na elevação de sua condição de espaço geométrico para um *lugar* com significado por meio da ocupação como ato de apropriação e encontro, apenas potencializando atos que ocorriam ainda antes neste espaço, porém em menor grau. A importância desses atos pode ser compreendida a partir da conceituação de Pallasmaa (1994), uma vez que são essas as lembranças que se consolidam em nossas memórias vinculadas a determinada localidade, as ações que desempenhamos ali e o impacto emocional que as mesmas incutiram em nossas mentes. Assim, o Pavilhão do Reencontro, em sua leveza espacial e material, cobra significados a partir da interação com outros corpos e é ativado quando indivíduos escolhem celebrar seus encontros naquele espaço (fig. 9 e 10). Demonstrando, como afirmado por Pallasmaa (1994), que o “impacto arquitetônico emocional está relacionado a um ato e não a um objeto ou a um elemento visual ou figurativo”, de maneira que “a fenomenologia da arquitetura se fundamenta em verbos e não em substantivos”.

*O ato de se aproximar de uma casa, não sua mera fachada; o ato de olhar pela janela, não a janela em si; ou o ato de se reunir junto à mesa ou à lareira, mais do que tais objetos puramente - todas essas expressões verbais parecem despertar nossas emoções. (PALLASMAA, 2017 [1994], p. 23)*



FIGURA 9 – Pavilhão do Reencontro implantado e finalizado.

Fonte: grupo de pesquisa LObeHab, 2022.



FIGURA 10 – Apropriação do minipavilhão por alunos e professores durante a recepção realizada na primeira aula do ateliê de Introdução ao Projeto.

Fonte: grupo de pesquisa LObeHab, 2022.

Repensando os lugares da nova normalidade: projeto e construção de um espaço de reencontro.

Rethinking the places of the new normality: design and construction of a space for reunion.

Repensando los lugares de la nueva normalidad: diseño y construcción de un espacio de encuentro.

É neste âmbito da arquitetura onde se verifica o componente espaço-afetivo. Como afirmado por Tuan (2012), existe um “elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente construído”, o que é resultado das experiências íntimas e aconchegantes que acontecem neste lugar. O mesmo autor sustenta que o espaço se transforma em lugar como consequência do componente afetivo, uma dimensão essencial do ato de habitar.

Por outro lado, e segundo Espósito (2012), o conceito do afeto opera em duas camadas da arquitetura. Primeiro, como ato projetual a partir das impressões do arquiteto diante de um determinado contexto (afeição) e, em segundo plano, como expressão desse sentimento (afeto) por meio de um projeto circunstanciado a essas impressões iniciais. E, por outro lado, temos o ato de habitar, onde se manifestam as relações afetivas do habitante em relação ao lugar. “Um arquiteto, portanto, não só projeta um objeto, mas também está projetando uma série de reações do habitante ao que projeta, a partir de suas próprias vivências, que são suas próprias impressões sensitivas e expressões emotivas” (ESPÓSITO, 2012, p. 9).

Atentando ao componente espaço-afetivo, os resultados do trabalho se revelam nas ações daqueles que habitam, demonstrados no encontro entre as reações imaginadas por nós, que projetamos, e a experiência particular daqueles que se apropriaram do pavilhão.

## Considerações Finais

Para além dos impactos mais tangíveis provocados pela pandemia de COVID-19, a crise sanitária ocasionou repercussões no modo como vivenciamos os lugares. Mesmo após a suspensão das muitas restrições e medidas de proteção, não conseguimos voltar ao que éramos, mas adentramos um momento de nova *(a)normalidade*. Mesmo em um contexto de isolamento, com uma sociabilidade física interrompida momentaneamente, com o distanciamento físico como imposição de uma sociedade abalada por uma crise sanitária e apesar de todas as implicações e do receio, ainda se esperava pelo reencontro, pela volta a uma vida de conexões e interações.

Ao observar o encontro, é possível uma maior compreensão das complexificações impostas pelo cenário no qual nos encontrávamos, a realidade em meio a uma pandemia. Para pensar em reencontros, é preciso inverter o caráter inimigo que o espaço urbano assume, recuperar a atmosfera social e coletiva da rua através de espaços de reencontro. Para tal, é relevante uma espacialização nos moldes do que Pallasmaa (2017 [2002], p. 94 - 95) qualifica como “metáfora arquitetônica”, sendo: tanto uma abstração quanto uma condensação do mundo, uma interpretação e concretização da ordem deste mundo. Um espaço que propiciada um acolhimento e, outra vez, a oportunidade de compartilhar experiências, de ter contato uns com os outros. Um espaço no qual seja possível vislumbrar o encontro de corpos promovidos pelo ato arquitetural. Conforme o conceito desenvolvido por Tschumi (1996. apud: BARBIERI, 2007): ora o espaço viola o corpo, ora o corpo viola o espaço. Logo, o vazio do espaço é um, que se modifica e rearranja enquanto corpos o perpassam, e assim o ambiente envolve o indivíduo. É este perpassar de corpos que eleva o espaço geométrico a um *lugar* com significado.

Por outro lado, neste trabalho se verifica algo que, embora não tenha sido o centro da ação desenvolvida, em termos de ensino e formação em arquitetura, resultaram aspectos importantes de serem observados e destacados. A ação de projetar um espaço arquitetônico e a sua construção, não acontecem aqui com um objetivo de desfecho. Elas se configuram como parte de um processo de investigação que tem, tanto como

Repensando os lugares da nova normalidade: projeto e construção de um espaço de reencontro.

Rethinking the places of the new normality: design and construction of a space for reunion.

Repensando los lugares de la nueva normalidad: diseño y construcción de un espacio de encuentro.

ação quanto reflexão sobre tal ação, um caráter metodológico cíclico de “pensar fazendo”. A prática construtiva permitiu experimentar hapticamente as realidades imaginadas, mas, especialmente, vislumbrar o encontro de corpos promovidos pelo ato arquitetural e vivenciar de maneira concreta a espacialidade arquitetônica proposta. São essas dimensões do habitar as que se fortalecem e se espacializam no reencontro, neste caso como ação arquitetônica e como ato de habitar.

## Agradecimentos

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI). Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

## Referências

BARBIERI, Maria Júlia. Arquitetura inatual como arquitetura da diferença [uma comunicação de afetos e durações]. **Vitruvius**, São Paulo, n. 088.09, set. 2007. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.088/212>. Acesso em 12 jul. 2022.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BEZERRA, Mariana; CUNHA JÚNIOR, Moisés. Cidades, espaços públicos e comportamento: discussões sobre o cenário urbano no contexto de pandemia global. **Observatório das Metrôpoles** [online], Paraíba, 11 jun. 2020. Artigos Semanais. Disponível em: <https://www.observatoriodasmetrolopes.net.br/cidades-espacos-publicos-e-comportamento-discussoes-sobre-o-cenario-urbano-no-contexto-de-pandemia-global/>. Acesso em 12 jul 2020.

CONSÓRCIO DE VEÍCULOS DE IMPRENSA. Veículos de comunicação formam parceria para dar transparência a dados de Covid-19. **G1** [online], Rio de Janeiro, 08 jun. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/08/veiculos-de-comunicacao-formam-parceria-para-dar-transparencia-a-dados-de-covid-19.ghtml>. Acesso em 12 jul. 2020.

ESPÓSITO G., Fernando; MEIRA, Julia. Nueva a-normalidad: la otra pandemia. Reflexiones desde Río y Barcelona. **Revista Planeo**, Santiago de Chile, n. 44, jul. 2020. Disponível em: <https://revistaplano.cl/2020/07/07/nueva-a-normalidad-la-otra-pandemia-reflexiones-desde-rio-y-barcelona/>. Acesso em 12 jul. 2022.

ESPÓSITO G., Fernando; LINARES, Federica. Cartografias [des]veladas: situações de residualidade urbana. O caso do Morro do Castelo. In: **RUA** [online], Campinas, v. 26, n. 1, jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8660216>. Acesso em 12 jul. 2022.

ESPÓSITO G., Fernando; LINARES, Federica; MEIRA, Julia. Relações urbanas na nova a-normalidade. Residualidade e estigmatização socioespacial em tempos de pandemia. In: **VI ENANPARQ 2021**, Brasília, v. 1, p. 482 - 503, out. 2021.

ESPÓSITO G., Fernando. El “afecto” en la arquitectura: la relación entre arquitecto, lugar y habitante en la experiencia contextual del proyecto. In: **Arquitetura Revista** [S. I.], v. 8, n. 1, p. 8 - 16, 2012. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/arquitetura/article/view/arq.2012.81.02>. Acesso em 18 jan. 2023.

Repensando os lugares da nova normalidade: projeto e construção de um espaço de reencontro.

Rethinking the places of the new normality: design and construction of a space for reunion.

Repensando los lugares de la nueva normalidad: diseño y construcción de un espacio de encuentro.

FAJARDO, Washington. Urbanismo e pandemias. **Caos Planejado** [online], Rio de Janeiro, 23 mar. 2020. Gestão Urbana. Disponível em: <https://caosplanejado.com/urbanismo-e-pandemias/>. Acesso em 12 jul. 2020.

HAESBAERT, Rogério. Reflexões geográficas em tempos de pandemia. **Espaço e Economia** [online], Rio de Janeiro, n. 18, 2020. Disponível em: <http://journals.openedition.org/espacoeconomia/11826>. Acesso em 12 jul. 2020.

HOLZER, Werther. Sobre territórios e lugaridades. **Cidades**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 17, p. 18 - 29, ago. 2013. Disponível em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/cidades/article/view/12015>. Acesso em 12 jul. 2022.

KIMMELMAN, Michael. The Great Empty. **The New York Times** [online], New York, 23 mar. 2020. World. Disponível em: <https://www.nytimes.com/interactive/2020/03/23/world/coronavirus-great-empty.html>. Acesso em 12 jul. 2022.

LING, Anthony. Epidemias: o fracasso das cidades? **ArchDaily Brasil** [online], São Paulo, 20 mar. 2020. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/935986/epidemias-o-fracas-so-das-cidades>. Acesso em 12 jul. 2022.

NETTO, Vinicius M. Comunicação e espaço: o papel da arquitetura e da cidade na associação dos atos. In: **Cadernos PROARQ** [online], Rio de Janeiro, v. 17, p. 140 - 157, dez. 2011. Disponível em: <https://cadernos.proarq.fau.ufrj.br/public/docs/cadernosproarq17.pdf>. Acesso em 27 fev. 2023.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **O fenômeno do lugar**. In: NESBITT, Kate (org.). Uma nova agenda para a arquitetura. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

PALLASMAA, Juhani. **A geometria do sentimento: um olhar sobre a fenomenologia da arquitetura**. In: NESBITT, Kate (org.). Uma nova agenda para a arquitetura. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

PALLASMAA, Juhani. **Habitar**. Tradução: Alexandre Salvaterra. 1. ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

PINHEIRO, Chloé. Especialistas dão notas sobre a resposta do Brasil ao coronavírus. **Veja Saúde** [online], São Paulo, 6 jun. 2020. Medicina. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/medicina/especialistas-dao-notas-sobre-a-resposta-do-brasil-ao-coronavirus/>. Acesso em 12 jul. 2022.

PIRES, Carol. A maior tragédia do coronavírus pode ser nas favelas brasileiras. **The New York Times** [online], São Paulo, 31 mar. 2020. Opinião. Disponível em: <https://www.nytimes.com/pt/2020/03/31/espanol/opinion/a-maior-tragedia-do-coronavirus-pode-ser-nas-favelas-brasileiras.html>. Acesso em 12 jul. 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Coronavírus: tudo que é sólido se desmancha no ar. In: **Blog da Boitempo**, São Paulo, 2 mar. 2020. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2020/04/02/coronavirus-tudo-o-que-e-solido-desmancha-no-ar/>. Acesso em 12 jul. 2020.

SIMONI, Joana. Relações urbano-rurais e espacialidades pandêmicas: reflexões preliminares a partir do caso fluminense. **Revista Ensaios de Geografia**, Niterói, vol. 7, n. 13, p. 57 - 68, abr. 2021. Disponível em: [https://periodicos.uff.br/ensaios\\_posgeo/article/view/48203](https://periodicos.uff.br/ensaios_posgeo/article/view/48203). Acesso em 12 jul. 2022.

SOLNIT, Rebecca. Esperança em meio ao desastre. Tradução: Jorio Dauster. **Revista Serrote** [online], 2020. Disponível em: <https://www.revistaserrote.com.br/2020/04/esperanca-em-meio-ao-desastre-por-rebecca-solnit/#>. Acesso em 12 jul. 2020.

SOUZA, Marina. Coronavírus: 11 estados brasileiros registraram lockdown em pelo menos uma cidade. **Brasil de Fato** [online], São Paulo, 20 mai. 2020. Saúde. Disponível

Repensando os lugares da nova normalidade: projeto e construção de um espaço de reencontro.

Rethinking the places of the new normality: design and construction of a space for reunion.

Repensando los lugares de la nueva normalidad: diseño y construcción de un espacio de encuentro.

em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/05/20/coronavirus-11-estados-brasileiros-registram-lockdown-em-pelo-menos-uma-cidade>. Acesso em 12 jul. 2022.

SPERANZA, Fernando. A cidade ex-habitada: espaço-tempo em tempos de pandemia. In: **Cadernos PROARQ** [online], Rio de Janeiro, v. 35, p. 1 - 11, dez. 2020. Disponível em: <https://cadernos.proarq.fau.ufrj.br/public/docs/Proarq35.pdf>. Acesso em 27 fev. 2023.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Londrina: Eduel, 2012.

VIDLER, Anthony. **Uma teoria sobre o estranhamente familiar**. In: NESBITT, Kate (org.). *Uma nova agenda para a arquitetura*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

WEDEKIN, Luana. A pandemia e as inquietantes cidades metafísicas. In: TEIXEIRA, Clarissa; DEPINÉ, Ágatha (org.). **As cidades e a COVID-19: necessidades, expectativas e tendências trazidas pela pandemia**. São Paulo: Perse, 2021. Disponível em: <https://via.ufsc.br/cidades-covid-19-ensaios/>. Acesso em 12 jul. 2022.

## RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: “O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação”.

O CADERNOS PROARQ (ISSN 2675-0392) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma **online** a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

**Submetido em 05/03/2023**

**Aprovado em 10/06/2023**